



Mulher
ECONOMISTA
NOTES



SÉRIE DE ARTIGOS

Elas em Prosa

COMISSÃO DA MULHER ECONOMISTA
CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA 5ª REGIÃO BA





Heroínas Baianas no contexto socioeconômico da Independência da Bahia

Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Felipa



Por Isabel Ribeiro



Coordenadora da Comissão da Mulher Economista do Corecon- BA, Gerente Adjunta da Unidade de Gestão Estratégica do Sebrae Bahia, Economista e Mestre em Gerenciamento e Tecnologias Ambientais na Indústria. - Universidade Federal da Bahia, UFBA.

Representando a Comissão da Mulher Economista do Conselho Regional da Bahia (Corecon-BA), apresentamos esta iniciativa vinculada ao programa “Prosa com Elas”, ao qual carinhosamente intitulamos “Elas em versos e Prosa”. Trata-se da produção de artigos que visam agregar e ampliar o alcance das discussões feitas em nossa série de lives alusivas ao universo feminino. Na primeira edição, abordaremos a temática do encontro de abertura do programa no ano, realizado no dia 10 de março, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher.

São reflexões sobre o tema *Heroínas Baianas no contexto socioeconômico da independência da Bahia* – Joana Angélica, Maria Quitéria, e Maria Felipa, com a ilustre participação da professora doutora Patricia Valim (Universidades Federal da Bahia e Ouro Preto), a quem agradecemos. Para tentarmos nos aproximar, minimamente dos versos e prosas, nos inspiraremos em uma canção e trechos do hino do nosso glorioso Dois de Julho. A canção define a criatividade, a resiliência e a autenticidade do povo baiano. Enquanto o hino, a heroica participação do povo baiano na guerra da independência.

*“GENTE QUE TIRA ALEGRIA DA DOR, DO BATECUM DO
BATENTE, TODAS AS CORES DE GENTE, CONTAS DE
TODOS OS GUIAS, UMA NAÇÃO DIFERENTE, TODA
PROSA E POESIA, TUDO ISSO FINALMENTE SÓ SE VÊ
NA BAHIA, SÓ SE VÊ NA BAHIA”*

(ROBERTO MENDES E JORGE PORTUGAL, 1996)

*“NASCE O SOL A 2 DE JULHO, BRILHA MAIS QUE NO
PRIMEIRO, É SINAL QUE NESSE DIA, ATÉ O SOL, ATÉ O
SOL É BRASILEIRO. (...) NUNCA MAIS O DESPOTISMO
REGERÁ, REGERÁ NOSSAS AÇÕES. COM TIRANOS NÃO
COMBINAM BRASILEIROS, BRASILEIROS CORAÇÕES”*

(TITARA E BARRETO, 1823)

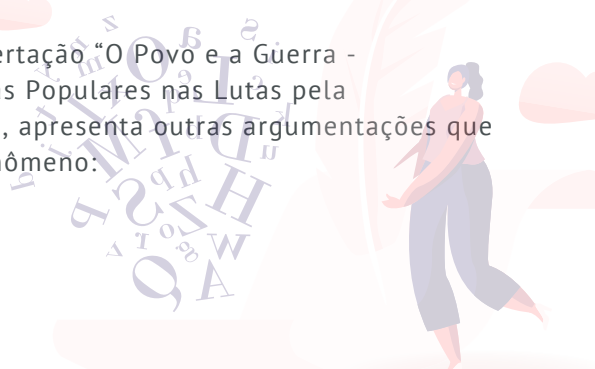


Antecipamos que, apesar de investigarmos, encontramos dificuldades em localizar evidências que possam melhor explicitar quanto ao aparecimento dessas três heroínas nesse contexto de guerra, o que também nos leva a antecipadamente inferir que a fragilidade dessas evidências possam também ter contribuído, praticamente, para o “apagamento” da importância dessas três mulheres ao logo de quase 200 anos. Esses fenômenos “aparecimento” e “apagamento” foram, dentre outros, pontos de reflexão deixados em nossa live: *a ausência das heroínas baianas nos registros e livros didáticos da história nacional*.

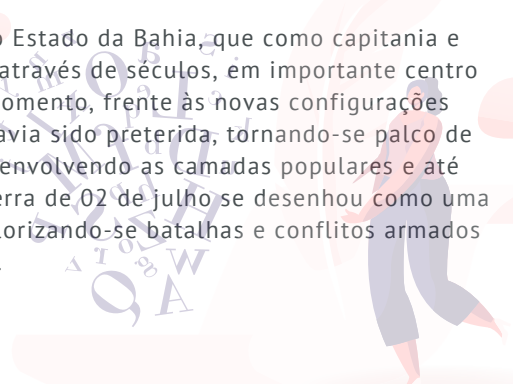
Como ponto de partida para a análise do assunto em pauta, vamos nos concentrar no 02 de julho de 1823. Inicialmente, cabe-nos compreender o contexto social, político e econômico no qual estava inserido a Independência da Bahia. De um lado, contemplava os ricos senhores, “barões” da agropecuária, comerciantes de grande porte, grandes proprietários de terras e escravos; e do outro lado, os pequenos agricultores, comerciantes de pequena monta, homens pobres livres, libertos e escravos.

Partindo para a análise, trazemos a combinação e/ou acumulação de três acontecimentos que, provavelmente, mais contribuíram para a guerra e Independência da Bahia em 02 de julho de 1823. A revolução escrava no Haiti e independência nas colônias hispano-americanas, em 1791; o traumático episódio da Conjuração Baiana, em 1798 e a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808.

Filho(2004), na sua dissertação “O Povo e a Guerra - Participação das Camadas Populares nas Lutas pela Independência da Bahia”, apresenta outras argumentações que ajudam explicar esse fenômeno:



- notícias da revolução escrava do Haiti e independência nas colônias hispano-americanas, poderiam ter incitado a participação personagens "de cor" formado por escravos e libertos e escravos, pois, vislumbravam a possibilidade de sua própria liberdade, frente à temporária fraqueza dos seus senhores. "Escravos sentiam-se brasileiros, eram brasileiros e por isso achavam natural que pudessem se libertar junto com o país" (REIS, 1989, por FILHO, 2004);
- efeitos traumáticos da Conjuração Baiana de 1798, podem ter influenciado, ao mesmo tempo, a participação dos personagens "de cor" e representação de parcela da elite que defendia ideias progressistas como autonomia política do Brasil, a implantação da República, o fim da escravidão e abolição dos privilégios sociais;
- às vésperas da guerra, os principais gêneros de subsistência em Salvador e entorno do Recôncavo apresentavam-se em alta de preços constante, gerada pelo processo de escassez, não acompanhada pelos salários, levando a uma canalização das insatisfações contra qualquer ligação com Portugal;
- a participação dos mais ricos, de seu lado, provavelmente estaria associada a "a "ressentimentos" causados perda da importância econômica e política da Bahia com a transferência da primeira capital da colônia- Salvador, para o Rio de Janeiro. A Guerra da Independência da Bahia não está alheia ao cenário nacional, fazendo parte de uma "costura" política que envolve as diversas elites do Brasil e que tem como centro de convergência a figura de Dom Pedro I;
- as elites baianas conservadoras (produtores, senhores de engenho, lavradores, proprietários, senhores de plantações de cana, fumo, algodão, mandioca e banana) por essência, negociam o apoio do Imperador no intuito de garantir uma transição moderada para o Estado que se formava;
- econômica e politicamente, o Estado da Bahia, que como capitania e província havia se constituído, através de séculos, em importante centro de decisões e poder, naquele momento, frente às novas configurações políticas da República Velha, havia sido preterida, tornando-se palco de demonstrações de insatisfação envolvendo as camadas populares e até as mais abastadas. Assim, a guerra de 02 de julho se desenhou como uma construção ideológica, supervalorizando-se batalhas e conflitos armados entre portugueses e brasileiros.



É de bom alvitre relembrar que após a independência realizada em 7 de setembro de 1822, os governos provinciais indicados pela Coroa Portuguesa se rebelaram contra o recém-empossado D. Pedro I. Em um país de dimensões continentais, entre as províncias que se rebelaram, se destacaram a Cisplatina (atual Uruguai), Bahia, Piauí, Pará e Maranhão.

Sem condições de enfrentar os levantes de modo autônomo, o governo brasileiro contratou os serviços militares de oficiais estrangeiros tais como o Lorde inglês Thomas Cochrane e o Marechal francês Pierre Labatut. Entre os meses de julho e agosto de 1823, esses oficiais lutaram contra os levantes que tomaram as regiões norte e nordeste do território brasileiro. Alguns meses mais tarde, os revoltosos da região Cisplatina foram igualmente vencidos.

Feito este breve preambulo histórico, direcionamos o rumo dessa prosa para realçar a participação de três heroínas na luta de independência da Bahia, embora reconheçamos que heroínas em outras revoltas regionais também tenham tido uma participação relevante. Trata-se do reconhecimento de três mulheres que, com coragem e bravura, insurgiram-se e lutaram para derrotar o despotismo e os tiranos corações dos portugueses. São elas: Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Felipa. Essas três heroínas só são vistas na Bahia.

JOANA ANGÉLICA



Informações extraídas de um jornal da Universidade Estadual do Paraná (2018), detalham acontecimentos dia 17 de fevereiro de 1822, que se inicia na madrugada, onde patriotas tirotearam com as tropas portuguesas, exigindo do Brigadeiro Madeira de Melo esforços e sacrifícios, em nome da nação e do Rei, para restabelecer o sossego público. Em 19 de fevereiro de 1822, a cidade de Salvador era palco de um dos muitos distúrbios que precederam a Guerra pela Independência.

O Brigadeiro Inácio Luiz de Madeira, apoiado no mar por uma esquadrilha lusitana e em terra por cerca de 3.000 homens, estava em estado de sítio, sob o regime da lei marcial. Apesar de declarar que casas de cidadãos e negócios públicos seriam lugares invioláveis, um esquadrão da cavalaria e um corpo de marinheiros português, passando pelo largo da Lapa ouvem preces angustiadas das freiras, guiadas pelo capelão, despertando a tropa portuguesa para cometerem o sacrilégio do Convento da Lapa, estando a frente para defender o convento o capelão padre Daniel da Silva Lisboa, de 70 anos, e a abadessa Joana Angélica.

Vendo o capelão ser brutalmente golpeado e ensanguentado, a abadessa Joana Angélica, mesmo empunhando um grande crucifixo de prata e exclamando "Oh! Deus do céu! Não permite que eu veja estes miseráveis violarem a clausura sagrada de vossas esposas e vossas servas. Salvai-nos Senhor, e castigue os profanadores!", foi golpeada pelo mesmo soldado que enristou a baioneta e com ela levantou para o ar o corpo da freira, levando um bando de outras freiras assustadas fugirem pelo quintal do convento da Lapa e escapulirem pelas casas vizinhas. Assim, nasce a primeira mártir e heroína da nossa particular guerra da Independência da Bahia (Universidade Estadual do Paraná, 2018).

MARIA QUITÉRIA DE JESUS



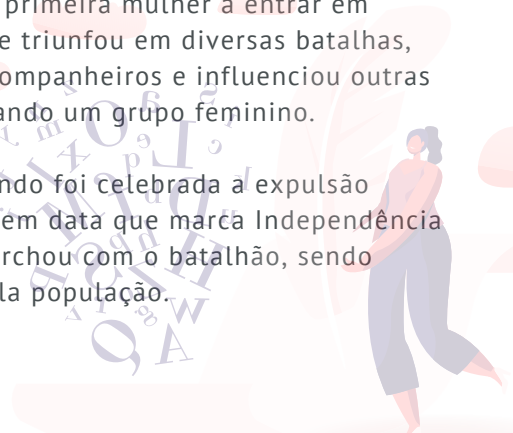
Em meados de 1822, senhores-de-engenho patriotas juraram fidelidade a Dom Pedro I que, na época, aos poucos construía um governo autônomo no Rio de Janeiro e se preparava para a ruptura definitiva com Lisboa, sendo organizado um exército improvisado composto de milícias rurais, soldados e oficiais da primeira linha de Salvador refugiados no Recôncavo, a milícia não-branca da cidade, e uma grande quantidade de unidades patriotas organizadas por voluntários (Kraay, 2007).

Algumas fontes dispersas sugerem que a fileira patriota era notavelmente mais escura do que a da época colonial. A questão dos escravos era bem diversa. Há indícios de que, já em setembro de 1822 (antes da chegada de Labatut), patriotas pretendiam usá-los. Maria Graham (1824, citada por KRAAY, 2007) conta que os patriotas queriam obrigar o pai de Maria Quitéria de Jesus, um português, a contribuir com um escravo, pois não tinha filhos para dar ao exército. Embora a história não deixe claro se ele se desfez ou não de um escravo, acabou perdendo sua filha, o que causou outros problemas para os comandantes patriotas quando foi descoberto que ela se alistara.

Nascida em 27 de julho de 1792, em São José das Itaporocas, atual município de Feira de Santana (Bahia), Maria Quitéria fugiu de casa, disfarçou-se de homem e lutou contra os portugueses, numa época em que às mulheres era esperado apenas obedecer ao pai ou ao marido e cuidar da casa e dos filhos. Desobedecendo ao Pai, fugiu para a casa de uma irmã, cortou o cabelo, vestiu as roupas do cunhado, José Cordeiro de Medeiros, e apresentou-se ao Regimento de Artilharia como Soldado Medeiros (Fernandes, 2020).

Dias depois, continua Fernandes (2020), foi descoberta pelo pai, que solicitou sua retirada do batalhão. O comandante, no entanto, não quis perder a habilidosa combatente. Aos 30 anos, Maria Quitéria tornava-se a primeira mulher a entrar em combate pelo Brasil. Lutou e triunfou em diversas batalhas, conquistou o respeito dos companheiros e influenciou outras mulheres, formando e liderando um grupo feminino.

Em 2 de julho de 1823, quando foi celebrada a expulsão definitiva dos portugueses, em data que marca Independência da Bahia, Maria Quitéria marchou com o batalhão, sendo saudada e homenageada pela população.



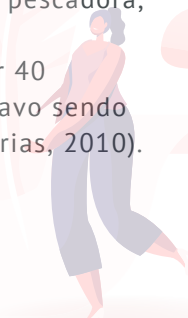
Depois, embarcou para o Rio de Janeiro, onde foi recebida por Dom Pedro I e recebeu o título de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, em reconhecimento à bravura e à coragem com que lutara contra os inimigos da Pátria. Atendendo a uma solicitação de Maria Quitéria, o imperador fez uma carta pedindo que Gonçalo perdoasse a desobediência da filha. Após o falecimento do pai e, depois, do marido, Maria Quitéria foi viver em Salvador com a filha. Lá, morreu no anonimato, vítima de uma inflamação no fígado, em 21 de agosto de 1853, aos 61 anos sem gozar do reconhecimento ou do prestígio da francesa Joana D'Arc, por exemplo, a quem costuma ser comparada. Em 1996, por decreto presidencial, recebeu o título de Patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército (Fernandes, 2020).

MARIA FELIPA



Em 2010, a história da Bahia é “presenteada” pela Professora Eny Kleyde Vasconcelos Farias, com a publicação “Maria Felipa, Heroína da Independência da Bahia”, com o claro propósito de chamar atenção para uma figura que, no panthéon dos heróis de 2 de julho, ainda se tem informações precárias e lacunares. Vale salientar que há fragmentos da história sobre a heroína, preservados na memória do povo de Itaparica, que, no momento atual, pleiteia homenagear essa heroína colocando seu nome na ponte Salvador-Itaparica.

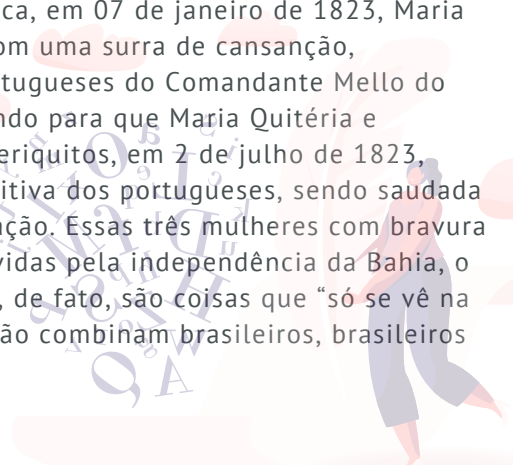
No contexto histórico simbólico das lutas pela independência, Maria Felipa aparece com frequência ligada à imagem do fogo, quando acende tochas, para iluminar os caminhos e queimar barcos juntamente com as suas companheiras. Também tem sua imagem simbólica ligada ao mar, à água, por ter sido pescadora, marisqueira e ter lutado dentro do mar. Na guerra da independência Maria Felipa destacou-se ao comandar 40 mulheres viajando pelo Rio Paraguaçu para o Recôncavo sendo vitoriosas contra os soldados de Madeira de Melo (Farias, 2010).



A presença de Maria Felipa e suas lideradas (as Vedetas) ganha relevância a partir de 06 de janeiro de 1823, quando a esquadra portuguesa com 40 embarcações de Madeira de Mello saiu de Salvador à tarde em direção a Ilha de Itaparica, direcionando-se a Ponta das Baleias (Praia do Convento). Insulanos voluntários de tocaia, armados, aplicaram, então, uma estratégia nada convencional pensada por Maria Felipa, que dividiu as 40 mulheres em diversos lugares para atrair e surrar os portugueses com folhas de cansação, incendiando os barcos e botando para correr os soldados de Mello. Alguns autores avaliam que a expulsão dos Portugueses de Itaparica em de 07 de janeiro de 1823, contribuiu de forma decisiva para que as forças portuguesas renunciassem ao domínio do interior da Bahia.

O reconhecimento do patrimônio histórico-cultural sobre a heroína Maria Filipa de Oliveira foi construído entre 1905 e 2010, sendo a primeiro evento, a Rua Maria Felipa (1905) em Itaparica, seguida da Lei Municipal 399/94, que decretou a Medalha Maria Felipa no município de Vera Cruz, sendo a terceira expressão Caminhada Maria Felipa em 2002(Vera Cruz/Itaparica) (Farias, 2010).

Em 19 de fevereiro de 1822, abadessa Joana Angélica se torna heroína ao interpelar soldados portugueses no Convento da Lapa, em setembro de 1822, aos 30 anos, Maria Quitéria, desobedecendo seu pai e atendendo aos apelos do General Labatut, apresentou-se ao Regimento de Artilharia como Soldado Medeiros. Na Ilha de Itaparica, em 07 de janeiro de 1823, Maria Felipa e suas 40 Vedetas, com uma surra de cansação, expulsaram os soldados portugueses do Comandante Mello do interior da Bahia, contribuindo para que Maria Quitéria e soldados do batalhão dos Periquitos, em 2 de julho de 1823, celebrasse a expulsão definitiva dos portugueses, sendo saudada e homenageada pela população. Essas três mulheres com bravura e coragem dedicaram suas vidas pela independência da Bahia, o que nos leva a concluir que, de fato, são coisas que “só se vê na Bahia” e que “com tiranos não combinam brasileiros, brasileiros corações”.



Assim, nós da Comissão da Mulher Economista do Corecon-BA, apresentamos a história dessas 03 mulheres heroínas quase esquecidas para reduzir o esquecimento e apagamento e analisar de que maneira sutis processos sociológicos contribuem para submeter o gênero feminismo à supremacia dos homens, principalmente, aqueles que não são “de cor” na nossa atual sociedade. Quem venham outros debates.

Referências Bibliográficas

- FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. **Maria Felipa, heroína da independência da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2010. 148 p.
- FERNANDES, Fernanda. **Maria Quitéria, primeira soldada e heroína da Independência**. In: Multirio, a mídia educativa da cidade, 27/07/2020. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/16329-maria-quit%C3%A9ria,-primeira-soldada-e-hero%C3%ADna-da-independ%C3%AAncia>. Acesso 17/03/22. 10:29 horas
- FILHO, Sergio Amado Guerra. **O Povo e a Guerra - Participação das Camadas Populares nas Lutas pela Independência da Bahia**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre. Salvador- BA, 2004. Disponível em: http://portal2dejulho.ffch.ufba.br/wp/wpcontent/uploads/2020/01/dissertacao_SAGF.pdf. Acesso 18/03/2022. 14:22
- KRAAY, Hendrik. **Em outra coisa não falavam os pardos, cabras, e crioulos: o "recrutamento" de escravos na guerra da Independência na Bahia**. In: Rev. Bras. Hist. 22 (43). 2002 . <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000100007>. Acesso em 16/03/22. 12:49 horas
- MENDES, Roberto e PORTUGAL, Jorge. **Só se vê na Bahia**. In: MENDES, Roberto Voz Guia, formato CD, 1996.
- MORAES, Inácio, Bruno. **Independência : revolução e contrarrevolução : uma análise historiográfica da obra de José Honório Rodrigues / Bruno Moraes Inácio - 2020**.46 f. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br:8080/jspui/bitstream/20.500.11874/5298/1/A%20TG%20Bruno%20Moraes%20Inacio.pdf>. Acesso 16/03/2022. 15:08 horas
- TITARA, Ladislau dos Santos e BARRETO, José dos Santos. **Hino ao Dois de Julho. (1823)**. Universidade Estadual do Paraná. Campus de Cornélio Proença. **História: o sacrilégio do Convento da Lapa. Uma história que não vem na história**. Notícias da UENP-CCP, 25/05/2018. Disponível em <http://www.ccp.uenp.edu.br/noticias/2018/1805/n174-020m.htm>. Acesso 17/03/2022. 09:15 horas
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador, rainha destronada? (1763-1823)**. Dossiê: Capitais sonhadas, capitais abandonadas História 30 (1), Jun, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000100008>.

